

DA IMAGEM À PALAVRA: PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO EM AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

From image to the word: process of retextualization in Portuguese language class in basic education

De la imagen a la palabra: proceso de retextualización en clase de lengua portuguesa en la educación básica

Valfrido da Silva Nunes ^{1*}

¹ Doutorando em Linguística, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL), Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Brasil; professor de Língua Portuguesa, Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), *Campus Garanhuns*, Brasil.

*Correspondência: PPGLL/FALE/UFAL, Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro dos Martins, Maceió, Alagoas, Brasil. CEP: 57072-900. E-mail: fridoval@hotmail.com

Artigo recebido em 16/09/2017 aprovado em 26/10/2017 publicado em 01/11/2017.

RESUMO

Este artigo versa sobre o tema da retextualização, passando do texto imagético ao texto verbal, em situação de sala de aula. A pesquisa norteou-se a partir da preocupação em querer entender de que modo o uso da imagem na sala de aula pode contribuir para a prática da produção escrita. Nesse sentido, o artigo tem como objetivo central discutir a relação imagem-texto, partindo do gênero cartum para a simulação de uma notícia jornalística. A metodologia é descritivo-interpretativa, tendo em vista tratar-se de uma comparação entre a imagem e o texto produzido pelo estudante. O trabalho fundamenta-se nos estudos sobre gênero, multimodalidade e retextualização (MARCUSCHI, 2010a; 2010b; DIONISIO, 2011, dentre outros). Os resultados confirmam que atividades dessa natureza contribuem para o exercício da escrita, ampliando as habilidades dos estudantes.

Palavras-chave: Cartum; Notícia; Retextualização.

ABSTRACT

This article discusses the theme of re-textualization, going from the image to the verbal text, in a classroom situation. The research was based on the concern to understand how the use of the image in the classroom can contribute to the practice of writing. In this sense, the main objective of the article is to discuss the image-text relationship, starting from the cartoon genre for the simulation of a journalistic news. The methodology is descriptive-interpretive, considering that it is a comparison between the image and the text produced by the student. The work is based on studies on genre, multimodality and re-textualization (MARCUSCHI, 2010a; 2010b; DIONISIO, 2011, among others). The results confirm that activities of this nature contribute to the exercise of writing, enhancing students' abilities.

Keywords: Cartoon; New; Re-textualization.

RESUMEN

Este artículo versa sobre el tema de la retextualización, pasando del texto imagético al texto verbal, en situación de aula. La investigación se orientó a partir de la preocupación en querer entender de qué modo el uso de la imagen en el aula puede contribuir a la práctica de la producción escrita. En ese sentido, el artículo tiene como objetivo central discutir la relación imagen-texto, partiendo del género historieta para la simulación de una noticia. La metodología es descriptiva-interpretativa, teniendo en cuenta que se trata de una comparación entre la imagen y el texto producido por el estudiante. El trabajo se fundamenta en los estudios sobre género,

multimodalidad y retextualización (MARCUSCHI, 2010a, 2010b, DIONISIO, 2011, entre otros). Los resultados confirman que las actividades de esta naturaleza contribuyen al ejercicio de la escritura, ampliando las habilidades de los estudiantes.

Descriptor: *Historieta; Noticias; Retextualización.*

PALAVRAS INICIAIS

Inicialmente, convém afirmar que os sujeitos sociais, em pleno século XXI, vivem imersos numa cultura marcadamente visual, haja vista a televisão, o cinema, o *outdoor*, os *videogames*, o computador, o celular, dentre outros inúmeros recursos disponíveis. As redes sociais digitais (*Whatsapp, Facebook, Twitter, Instagram* etc.), potencializadas por meio do uso da internet, são uma realidade que se impõe, quebrando fronteiras geográficas, socioeconômicas e possibilitando até mesmo o acesso de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização. É esse mundo extremamente plástico, dinâmico, plural e heterogêneo que reclama do ser humano uma habilidade visual e uma agilidade muito grandes, a fim de que possa realizar suas interações discursivas, por meio de gêneros, de forma eficaz, e consolidar o seu estar no mundo.

Assim, considerando que “os gêneros estão presentes (...) em todas as circunstâncias da vida, em que as ações humanas são mediadas pela atividade discursiva” (SILVEIRA, 2005, p. 37), há de se convir que a escola não pode se esquivar do seu papel de formar sujeitos críticos para uma efetiva participação social. Nesse sentido, parece não ser suficiente ocupar-se somente dos gêneros escritos; entretanto, também não devemos nos esquecer de que a tarefa de ensinar a escrever é primordial na escola. Ante isso, compreendemos que a combinação de textos não verbais com textos verbais pode ser produtiva. É com essa visão que o presente artigo relata uma experiência de pesquisa vivenciada em sala de aula, onde se propôs a escrita de uma notícia a partir de um

cartum, configurando-se como um processo de retextualização.

Do ponto de vista teórico-metodológico, este artigo ancora-se nos estudos sobre gênero (MARCUSCHI, 2010a; 2011), multimodalidade (DIONISIO, 2011), texto (KOCH, 2009; SILVEIRA, 2005) e retextualização (MARCUSCHI, 2010b), e assenta-se no paradigma da pesquisa qualitativa. Isso posto, esclarecemos que o presente artigo organiza-se retoricamente da seguinte forma: (i) uma discussão teórica sobre gênero e multimodalidade, destacando-se as características dos gêneros cartum e notícia, bem como algumas considerações acerca das noções de texto e retextualização; (ii) exposição dos procedimentos metodológicos da pesquisa; e (iii) apresentação e discussão dos achados da investigação.

GÊNERO E MULTIMODALIDADE

A visão de gêneros adotada neste trabalho é tributária de uma concepção sociointeracional da língua, em que ela é tomada em seus usos sociais, para além da estrutura formal. Assim sendo, os gêneros “são entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (MARCUSCHI, 2010a, p. 19). De fato, os gêneros são padrões discursivos intrinsecamente ligados ao agir social, pois a linguagem não é usada de maneira fortuita, mas sempre inter-relacionada às práticas humanas na vida em sociedade.

Entretanto, a noção de gênero como padrão discursivo não quer dizer que os gêneros são entidades estanques e enrijecidas. Ao contrário, eles são maleáveis, dinâmicos e heterogêneos, assim como dinâmica e heterogênea é a vida. Aliás, os gêneros são

fundamentais para coordenar e organizar a vida em sociedade, pois se cada vez que precisássemos enunciar algo tivéssemos que inventar um gênero novo, a comunicação humana se tornaria caótica; daí dizermos que os gêneros estão imbricados às rotinas humanas, configurando-se como modos de dizer que não se desconectam dos modos de fazer. Em suma, concordamos com a ideia de que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*” (MARCUSCHI, 2010a, p. 22, grifos no original).

Neste trabalho, os gêneros colocados em discussão – o cartum e a notícia – exemplificam o modo versátil que os construtos genéricos assumem diante das práticas sociais, principalmente nas instâncias jornalística e do entretenimento, reduto principal de circulação dos gêneros em tela, servindo a diferentes propósitos comunicativos. De qualquer forma, não se pode esquecer de que os gêneros “são formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e produção de sentidos” (MARCUSCHI, 2011, p. 20).

A propósito, convém destacar que uma das particularidades dos gêneros discutidos neste trabalho é a sua natureza multimodal, ou seja, a coexistência de mais de uma modalidade de linguagem. Com efeito, podemos afirmar que a multimodalidade é constitutiva da própria linguagem, pois,

se as ações sociais são fenômenos multimodais, consequentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONISIO, 2011, p. 139).

Seguindo a visão da autora, concordamos também que se pode falar em um contínuo informativo visual dos gêneros escritos, indo dos menos visualmente informativos aos mais visualmente informativos (DIONISIO, 2011, p. 142).

OS GÊNEROS CARTUM E NOTÍCIA

Com a finalidade de caracterizarmos os gêneros em estudo neste trabalho – o cartum e a notícia –, estabelecemos uma interface entre conceitos advindos de autores proveniente da Linguística, de um lado, e conceitos oriundos de autores da área de Comunicação, por outro lado. Na verdade, para uma breve caracterização do cartum, há de se considerar que ele é um gênero que tem fronteiras muito tênues com outros gêneros multimodais, dentre eles a charge.

Enquanto a charge tem alto teor de “perecibilidade”, o *cartum*, embora a princípio confundível com ela, configura-se como um gênero multimodal que se presta a outros propósitos. Na literatura jornalística, o cartum é definido como uma “anedota gráfica” ou como uma “crítica mordaz” (MELO, 2003, p. 167). Originado do inglês *cartoon*, que significa “esboço ou modelo desenhado em cartão”, o cartum “geralmente não insere personagens reais ou fatos verídicos, mas representa uma expressão criativa do caricaturista, que penetra no domínio da fantasia” (MELO, 2003, p. 167).

Em outra perspectiva teórica, Costa (2009, p. 57-58) apresenta algumas definições que lançam luzes para que possamos compreender esse gênero: “desenho humorístico ou satírico”, “caráter extremamente crítico”, “[retrato de] algo que envolve o dia a dia de uma sociedade” e “anedota gráfica (...) que satiriza comportamentos humanos”. Por fim, há de se considerar que o caráter circunstancial da charge não é típico do cartum, uma vez que este está mais

para uma crítica de costumes, pois é mais genérico, tratando de temas universais ou representações estereotipadas da sociedade, de forma atemporal. Em síntese, notam-se semelhanças entre os dois gêneros – charge e cartum; todavia, “os objetivos nem sempre coincidem, sendo notadamente a crítica o objetivo da charge, enquanto o principal objetivo do cartum é fazer rir” (ARAGÃO, 2008, p. 2986).

A respeito da notícia, convém afirmar que se trata de um gênero bastante prototípico no jornalismo (impresso, telejornalismo, radiojornalismo, webjornalismo etc.), visto que tem como propósito central informar o leitor, a partir de fatos e acontecimentos, situando-o em relação às novidades do que vem acontecendo na região, no país ou no mundo. Desse ponto de vista, as marcas centrais da notícia devem ser a objetividade, a imparcialidade e a neutralidade. Ora, é certo que esses três elementos são bastante questionáveis, se atentarmos para o fato de que todo dizer representa no discurso escolhas ideológicas, modos singulares de ver o mundo, bem como concepções de homem e de sociedade; esses aspectos estão inter-relacionados à linha editorial adotada pelo jornal (se mais direitista, esquerdista e assim por diante).

No dizer de Costa (2009, p. 158), em geral, o leitor de notícias é aquele que “lê o jornal/revista de maneira rápida e transversal”. De fato, a notícia pode ser considerada um gênero bastante datado que “envelhece” muito rapidamente; daí a sua “precibibilidade”. Diferentemente do cartum que é um gênero mais crítico e opinativo, a notícia pertence ao chamado jornalismo informativo, pois sua preocupação central consiste em registrar fatos, por meio de uma observação atenta da realidade, embora não possamos nos esquecer de que “cada processo jornalístico tem sua dimensão ideológica própria,

independentemente do artifício narrativo utilizado” (MELO, 2003, p. 25).

TEXTO E RETEXTUALIZAÇÃO

Embora saibamos que a noção de gênero seja fundamental para compreendermos e refletirmos sobre as nossas práticas discursivas em contextos de interação situada, não podemos nos esquecer de que a unidade material de análise é o texto. Muitas vezes, ele é o nosso ponto de partida para estabelecermos uma compreensão até mesmo do contexto, já que todo texto carrega consigo marcas sócio-históricas do processo que o engendrou. Assim sendo, adota-se, neste artigo, uma concepção ampla de texto como “o próprio *lugar* da interação” (KOCH, 2009, p. 17), grifo no original), pois os sentidos não estão apenas nele, mas são construídos na interação autor-texto-leitor.

Com efeito, o texto circula recorrentemente em nossas vidas diárias, pois ele é a “unidade básica da comunicação humana” (SILVEIRA, 2005, p. 28). Todavia, cumpre afirmar que, rotineiramente, a interação humana se dá por meio de reformulações, de retomadas do que já foi dito ou até mesmo de repetições. No que tange a isso, entra em cena o fenômeno da retextualização, categoria que também ilumina as nossas análises. Para iniciarmos nossa reflexão sobre este tema, partimos da seguinte afirmação:

textualizar é agenciar recursos *linguageiros* e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência (MATENCIO, 2003, p. 4, grifo no original).

A nossa predileção por esse conceito justifica-se em razão de a autora contrastar a noção de “textualização” com a de “re-textualização”, o que nos parece bastante produtivo. Analogamente, podemos conjecturar que se “refazer” é “fazer novamente” e se “rever” é “tornar a ver”, existe algum traço semântico neste prefixo – “re” – que nos leva a pensar que “retextualizar” acarreta necessariamente uma volta ao que já foi textualizado, ou seja, é preciso “textualizar novamente” ou “tornar a textualizar”.

Nesse sentido, “textualizar” implica produzir textos, materializar linguisticamente algo que se quer dizer (por escrito ou oralmente), por meio de operações linguísticas (recursos lexicais e fraseológicos), textuais (estratégias de articulação, paráfrase, resumo, referenciação, modalização etc.) e discursivas (condições de produção, dito, não dito, intencionalidade, situacionalidade, papéis sociais ocupados pelos interactantes, relações de força e de restrições impostas pelo gênero, função discursiva do suporte, formas de circulação do gênero etc.).

Por outro lado, “retextualizar” supõe a produção de um novo texto a partir de texto(s) já existente(s). Assim sendo, o fenômeno da retextualização configura-se como uma ação languageira orientada por outras condições de produção diferentes daquelas do(s) texto(s)-base. Esse, possivelmente, é o cerne da ação de retextualizar, pois daí advém a possibilidade de haver mudança de modalidade linguística, mudança de gênero e implicações no plano da intertextualidade e da interdiscursividade. Nessa linha de raciocínio, sustentamos que atividades de retextualização

são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não problemáticas, já que lidamos

com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra. (MARCUSCHI, 2010b, p. 48).

Essa afirmação do autor mostra-se bastante pertinente por apresentar a retextualização como uma atividade de “reformulação” textual rotineira e automatizada, pois o falante da língua sequer se dá conta de que está redizendo o dizer do outro. Efetivamente, podemos pensar que isso se dá pelo próprio fenômeno da enunciação, que aponta para a irrepetibilidade de todo e qualquer dizer. Nesse sentido, se a retextualização é tão presente nas nossas práticas languageiras e se tudo que dizemos o fazemos retomando o que já foi dito por outros, podemos sustentar que a retextualização é um fenômeno constitutivo dos usos da linguagem (NUNES, 2017).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa relatada neste artigo emergiu de uma situação de sala de aula de língua portuguesa, no 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública da rede estadual de ensino de Pernambuco, em 2009. Participaram das atividades 29 (vinte e nove) estudantes, adolescentes, do turno matutino. A situação consistiu em: (i) discutir, por meio de uma aula expositivo-dialogada, os gêneros cartum e notícia; (ii) apresentar aos estudantes um cartum (cf. fig. 1) e (iii) solicitar uma produção escrita em que o aluno deveria produzir uma notícia (simulada) a partir da situação-problema abordada no cartum. A duração foi de três aulas, de quarenta e cinco minutos cada; ao final, foram recolhidas as produções dos estudantes, entre as quais escolhemos uma, aleatoriamente, para

fazer as análises. Portanto, a metodologia é descritivo-interpretativa, tendo em vista tratar-se de uma retextualização da imagem para o texto verbal, este produzido pelo estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

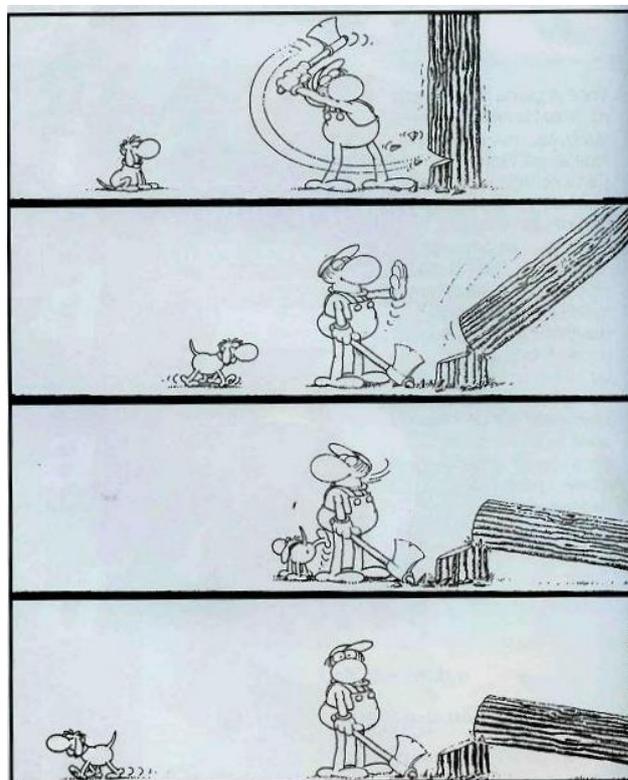
A categoria retextualização, neste trabalho, reveste-se de uma particularidade, por extrapolar o âmbito dos textos orais *versus* escritos, adentrando o universo dos gêneros visualmente mais informativos (DIONISIO, 2011, p. 142). De fato, os quadrinhos em análise (cf. fig. 1) formam um *cartum*, uma vez que tratam de um problema social, universalmente discutido – o desmatamento –, pois o propósito principal desse gênero é divertir, sem abrir mão da crítica. O caráter atemporal desse tema – o desmatamento florestal – é uma marca importante para o reconhecimento desse gênero. Com efeito, esse aspecto mais genérico do cartum o configura como uma espécie de “anedota gráfica”, conforme afirmou Melo (2003, p. 167).

Também contribui para a classificação dessa imagem, em particular, como um cartum, o fato de não haver elementos verbais; daí dizer-se que a construção dos sentidos depende inteiramente dos elementos não verbais presentes no texto (as linhas que separam os quadros, dando sequência à narrativa; os recursos gráficos indicativos de movimento, as expressões faciais das personagens etc.).

Por fim, há de se ressaltar que, diferentemente da charge, que tem uma conotação mais política, o cartum não recorre a celebridades que geralmente são satirizadas (especialmente os políticos). No exemplar em tela, o cartunista vale-se da sua imaginação, penetrando no mundo da fantasia, para criar o humor (o cão substitui o tronco da árvore pela perna do lenhador para realizar suas necessidades fisiológicas),

sem necessariamente retratar um acontecimento real, fazendo com que o gênero cumpra o seu papel social de divertir e criticar.

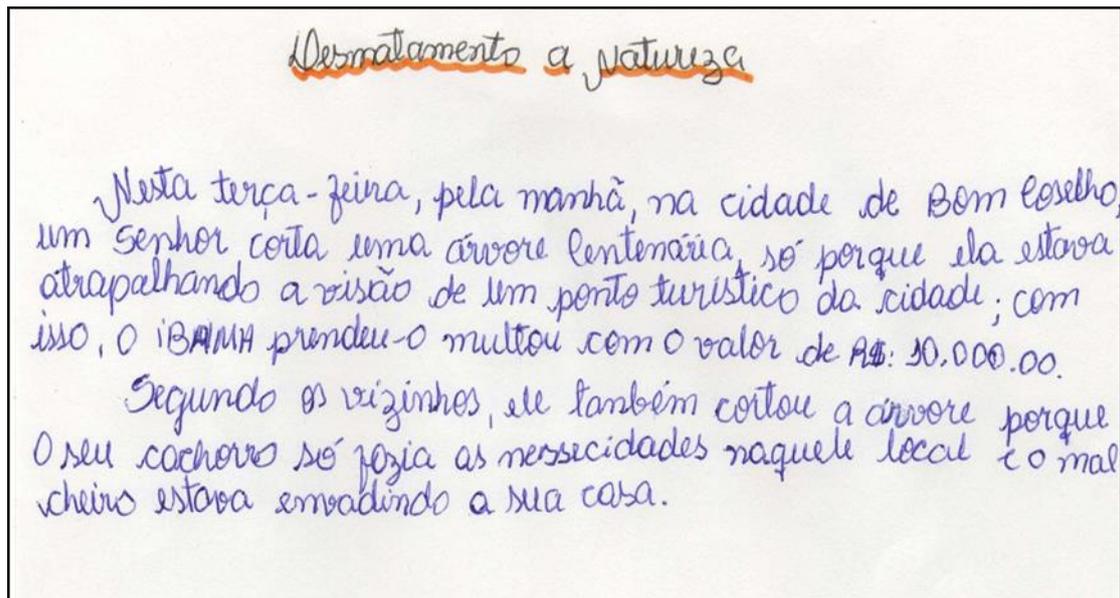
Figura 1. Cartum: gênero-base para produção de notícia



Fonte: MORDILLO, G. *Mordillo Safari*. Grenoble/FR: Glénat, 1990.

É importante sublinhar que a notícia produzida pelo estudante em sala de aula de língua portuguesa emerge em um contexto de simulação, visto que a proposta era incitar os estudantes a escrever. Mesmo sendo um simulacro de notícia, a partir do repertório sociocultural do estudante, podemos observar que muitas das características do gênero foram observadas na produção do seu texto, conforme se pode observar na figura 2.

Figura 2. Notícia produzida em sala de aula por estudante do 9º ano do Ensino Fundamental



Fonte: Acervo da pesquisa.

A notícia produzida pelo estudante não deixa de ser também um gênero multimodal, se observarmos a disposição gráfica do texto na folha de papel, a cor da caneta utilizada pelo estudante, o destaque dado ao título (manchete), dentre outros aspectos.

Em geral, o texto em análise atende razoavelmente ao que se espera de uma notícia prototípica, respondendo às perguntas: o quê (IBAMA prende homem por ter cortado uma árvore centenária), quem (um senhor), quando (na terça-feira, pela manhã), onde (na cidade de Bom Conselho), por que (atrapalhava a visão de um ponto turístico da cidade; servia de local para o cão fazer suas necessidades fisiológicas); porém, não se detalha o modo como o fato aconteceu.

Ademais, há uma suposta manchete (“Desmatamento a natureza”) e a estrutura linguístico-discursiva do texto aproxima-se da linguagem jornalística, em busca de uma pretensa impessoalidade: a presença da terceira pessoa do singular (“um senhor corta...”; “o IBAMA prendeu-o”; “ele também cortou...”), a referência genérica a

um órgão governamental, em vez de dar nome aos agentes da ação (“o IBAMA prendeu-o...”), a inserção de outras vozes no texto (“segundo os vizinhos...”). Assim sendo, o aluno não expõe a sua face no texto, simulando o papel social ocupado pelo jornalista no exercício das suas funções profissionais.

Com base nessa descrição sumária do cartum e da notícia, cumpre relatar de que modo ocorreu o processo de retextualização na passagem de um gênero ao outro. Uma das primeiras razões que justificam a notícia como uma forma de retextualização do cartum são as condições de produção específicas de cada um desses gêneros. Enquanto o cartum foi criado por um cartunista profissional (o argentino Guillermo Mordillo), com o propósito de divertir e criticar, circulando na esfera do entretenimento, a notícia foi produzida por um estudante, com o propósito de informar o ocorrido, dentro da esfera pedagógica, já que estamos tratando da didatização de um gênero. Nesse sentido, tanto a mudança de propósito comunicativo quanto a mudança do contexto situacional que gerou cada um

dos textos são fatores que legitimam essa atividade como um exemplo de retextualização.

Os interlocutores envolvidos em cada uma das situações interacionais também são diferentes. A relação do cartunista como seu público leitor é distinta do contexto de sala de aula, onde a notícia é produzida pelo estudante para ser compartilhada com os colegas e avaliada pelo professor. O tom humorístico do cartum, por sua vez, perde-se diante da seriedade da notícia, uma vez que não é função do chamado jornalismo informativo provocar humor.

Outro aspecto que configura essa atividade como um processo de retextualização diz respeito ao fato de haver uma mudança de gênero, na passagem do cartum à notícia. Não se trata de reescrita nem de refação textual, mas de um legítimo exemplo de retextualização do não verbal para o verbal. Some-se a isso o fato de ter havido também uma mudança de suporte: da obra original onde o cartum circulou à folha de papel que o aluno utilizou para produzir o seu texto.

De resto, compreendemos que um dos principais argumentos que sustentam essa atividade como um processo de retextualização concerne à mudança de modalidade. O cartum assenta-se fundamentalmente na modalidade visual, em que traços, linhas, desenhos e demais recursos gráficos são suas marcas singulares, ou seja, o não verbal é constitutivo desse gênero. A notícia, no caso em tela, lança mão dos componentes verbais (léxico e gramática), já que se trata de um gênero que faz uso da modalidade escrita da língua portuguesa.

Entretanto, convém discutir os aspectos que são conservados pelo estudante na passagem de um gênero ao outro, pois há um diálogo constante entre o texto-base e o texto jornalístico. O primeiro elemento observado tange à problemática abordada. Ambos os gêneros discutem a questão do desmatamento. Quando o aluno afirma que “um senhor corta uma

árvore centenária” ele narra verbalmente à sequência de imagens, em que a personagem aparece com um machado, derrubando uma árvore.

A própria manchete da notícia (“Desmatamento a natureza”) já se articula com o tema do cartum. Na tentativa de não fugir à narrativa do cartum, o estudante aponta mais uma causa para a derrubada árvore, recorrendo à voz de outrem, isto é, os vizinhos: “o cachorro só fazia as necessidades naquele local e o mal cheiro estava invadindo a sua casa”.

Por fim, o estudante insere outros elementos advindos do seu repertório pessoal de conhecimentos para construir a notícia: expressão temporal, expressão locativa, o fato de a árvore ser centenária, a inserção do ponto turístico, o IBAMA, a prisão, o valor da multa, a voz dos vizinhos, a presença de uma suposta casa nas imediações do acontecido.

Todos os elementos retomados, acrescentados e excluídos do cartum (o machado, por exemplo) pelo estudante, no momento de produção da notícia, evidenciam que essa atividade surge de um processo de retextualização do não verbal para o verbal, o qual desafia o estudante a lançar mão de diferentes estratégias textuais, discursivas e linguísticas na sua prática de escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isso, há de se considerar que o fenômeno da retextualização, amplamente difundido como uma forma de passagem do oral para o escrito, pode ocorrer entre outras modalidades de linguagem. A atividade desenvolvida, e exemplificada com uma produção discente autêntica, mostra que é possível partir dos chamados gêneros não verbais para os verbais. Ademais, constata-se que essa tarefa motivou o estudante a escrever, contribuindo para a prática da escrita em sala de aula, cujos retornos, presume-se, extrapolam os muros escola.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, V. P. S. Charge e cartum: uma perspectiva semiolinguística do discurso. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2008, Uberlândia. **Múltiplas perspectivas em Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 2975-3007.

COSTA, S. R. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DIONISIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a. p. 19-38.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010b. p. 15-43.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MATENCIO, M. L. M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. **Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN**, março de 2003.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão/SP: Mantiqueira, 2003.

NUNES, V. S. Processos de retextualização: aparato teórico-metodológico. **Letras Escreve**, Macapá, 2017. No prelo.

SILVEIRA, M. I. M. **Análise de gênero textual: concepção sociorretórica**. Maceió: EDUFAL, 2005.